

ROBERT SIRICO

Presidente do Acton Institute

**EM
DEFESA
DO
LIVRE
MERCADO**

O argumento moral a favor
de uma economia livre



Editora
Mackenzie



Centro de
Liberdade Econômica
Mackenzie

EM
DEFESA
DO
LIVRE
MERCADO

O argumento moral a favor
de uma economia livre

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

REITOR Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORIA DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

COORDENADOR John Sydenstricker-Neto

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Guilherme Santos Seroa da Mota

Elizeu Coutinho de Macedo

Helena Bonito Couto Pereira

João Baptista Borges Pereira

Jônatas Abdias de Macedo

José Francisco Siqueira Neto

José Paulo Fernandes Júnior

Karl Heinz Kienitz

Luciano Silva

Marcel Mendes

Vladimir Fernandes Maciel

ROBERT SIRICO

Presidente do Acton Institute

**EM
DEFESA
DO
LIVRE
MERCADO**

O argumento moral a favor
de uma economia livre



Editora
Mackenzie



Centro de
Liberdade Econômica
Mackenzie

***Defending the Free Market: The Moral Case for a Free Economy* © 2012 by Robert Sirico**

© Tradução 2020 por Editora Mackenzie

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

COORDENAÇÃO EDITORIAL Andréia Ferreira Cominetti

CAPA E PROJETO GRÁFICO Pedro P. Videira Pancheri

COPIDESQUE Andréia Ferreira Cominetti

TRADUÇÃO Matheus Pacini

DIAGRAMAÇÃO Pedro P. Videira Pancheri

REVISÃO Millena Tafner

ESTAGIÁRIAS EDITORIAIS Paula Vavlis e Raquel Espin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S619e Sirico, Robert A.
Em defesa do livre mercado : o argumento moral a favor de uma economia livre / Robert Sirico. – 1. ed. – São Paulo : Editora Mackenzie, 2020.
240 p. ; 23 cm

Tradução de: Defending free market : the moral case for a free economy.
Inclui bibliografia e índice.
ISBN 978-65-5545-095-8

1. Capitalismo – Estados Unidos. 2. Livre iniciativa – Aspectos morais e éticos. 3. Direita e esquerda (Ciência política). I. Título.

CDD 330.1220973

Bibliotecária Responsável: Eliana Barboza de Oliveira Silva – CRB 8/8925

EDITORA MACKENZIE

Rua da Consolação, 930 – Edifício João Calvino

São Paulo – SP – CEP 01302-907

Tel.: (5511) 2114-8774 (editorial)

editora@mackenzie.br | www.mackenzie.br/editora



“*Em defesa do livre mercado* vai além do que o título sugere. Celebra o milagre da liberdade e sinaliza a uma geração perdida o caminho para uma sociedade livre e virtuosa”.

— **LAWRENCE KUDLOW**

Foi âncora do programa da CNBC “The Kudlow Report”. Atualmente é diretor do Conselho Econômico Nacional dos Estados Unidos

“O Padre Robert Sirico é uma voz que deve ser ouvida. *Em defesa do livre mercado* oferece uma sólida perspectiva cristã sobre o capitalismo e o livre mercado – e argumenta de forma convincente que não é possível entender a economia e o funcionamento dos mercados sem entender a verdadeira natureza do homem”.

— **CHUCK COLSON**

Fundador da *Prison Fellowship* e do *Colson Center for Christian Worldview*

“Se você acha que ‘algo em nosso mundo está desordenado e fora do lugar’, leia o livro do Padre Sirico. É uma grande jornada!”

— **WILLIAM E. LAMOTHE**

Foi Presidente e CEO da Kellogg Company

“O Padre Sirico é um apóstolo da liberdade. Durante mais de duas décadas tem explicado de um modo persuasivo o valor da liberdade econômica para ajudar os pobres a se serem produtivos, criativos e virtuosos. Tem difundido os valores do livre mercado nos círculos teológicos, demonstrando que as tradições cristãs e as ideias econômicas corretas podem se enriquecer mutuamente. Este livro propõe esse importante argumento”.

— **PADRE RAYMOND J. DE SOUZA**

Colunista do *National Post* do Canadá

“Meu irmão, Robert Sirico, diz o que pensa e pensa o que diz. Este é um livro maravilhos!”

— **TONY SIRICO**

Ator de cinema e televisão que interpretou Paulie Gualtieri em *Os Sopranos*

“Todo norte-americano que se preocupa com nossa economia e a erosão da liberdade individual deveria ler este livro perspicaz e com sólida argumentação do Padre Sirico. Ele deixa perfeitamente claro que nossa prosperidade não virá das mãos do governo, mas sim do poder comprovado das liberdades econômicas e pessoais, que inspiraram a fundação dos Estados Unidos”.

— **RICH DEVOS**

Foi cofundador da *Amway* e presidente do *Orlando Magic*

PARA KRIS ALAN MAUREN
ECLESIASTES 6:14-17

Sumário

- INTRODUÇÃO**
- 11 O fim da liberdade?
- CAPÍTULO UM**
- 19 Um esquerdista em cima do muro
- CAPÍTULO DOIS**
- 35 Por que você não pode ter liberdade sem uma economia livre
- CAPÍTULO TRÊS**
- 57 Quer ajudar os pobres? Abra um negócio!
- CAPÍTULO QUATRO**
- 81 Por que a “destruição criativa” do capitalismo é mais criativa do que destrutiva?
- CAPÍTULO CINCO**
- 99 Por que a ganância *não* é boa; e por que há mais dela no socialismo do que no capitalismo
- CAPÍTULO SEIS**
- 119 O ídolo da igualdade

CAPÍTULO SETE

- 137** Por que a caridade inteligente funciona – e o assistencialismo não?

CAPÍTULO OITO

- 159** A saúde das nações: por que o atendimento à saúde subvencionado pelo Estado não é compassivo?

CAPÍTULO NOVE

- 183** A proteção ao meio ambiente não significa necessariamente “governo grande”

CAPÍTULO DEZ

- 203** Teologia para o homem econômico
- 221** Epílogo
- 225** Agradecimentos
- 227** Índice

O fim da liberdade?

Você já viu uma fotografia noturna da Terra? As luzes se espalham ao redor do globo, onde os seres humanos vivem, trabalham e prosperam. Contudo, existe uma região escura na parte superior da península da Coreia, que contrasta diretamente com a parte inferior, a Coreia do Sul, que é um farol de luminosidade. Essa mancha escura é a Coreia do Norte socialista, onde as pessoas vivem em tamanha pobreza que à noite seu país fica às escuras. O único pequeno ponto de luz é Pyongyang, onde as elites do partido desfrutam o resultado do trabalho quase escravo do povo norte-coreano. Fora daí, a Coreia do Norte está mergulhada em trevas.

A metade iluminada da península nos oferece uma visão de como seria um mundo livre – livre para criar, prosperar e, obviamente, iluminar. Nessa mesma fotografia, é possível ver como seria o mundo caso a tocha da liberdade fosse apagada, jogando a civilização às trevas.

Alguns dirão que essa possibilidade é mera retórica alarmista. O mundo sempre evoluiu, por que mudaria agora?

A eles, aponto apenas a história humana. A lição é simples: as civilizações fracassam. Mas, por que fracassam? Quando as virtudes civilizacionais são corroídas desde o seu âmago, as pessoas perdem a capacidade de defender as conquistas que permitiram às gerações anteriores alcançarem. Pensemos na Grécia antiga ou no Império Romano, ou na Alemanha da década de 1930. Existem muitos exemplos.

Olhemos ao nosso redor. Exceto no período da I e II Guerras Mundiais, o nível de endividamento global esteve tão elevado como hoje.¹ Quando uma geração toma emprestado mais do que a geração seguinte poderá pagar, essa sociedade eventualmente terá problemas.

Consideremos também o *inverno demográfico* que está caindo sobre a Europa. Por acaso, os europeus perderam a esperança e, com ela, o desejo de ter filhos? Ou criar filhos simplesmente se tornou um fardo muito pesado para uma cultura cada vez mais interessada nos prazeres do momento? Em ambos os casos, as consequências são graves. Toda discussão em torno da crise previdenciária da Europa mascara o que é, de fato, uma crise moral: a Europa está ficando estéril, e os laços que ligam uma geração à outra têm sido enfraquecidos por um Estado assistencialista que tomou para si tarefas anteriormente realizadas pelos pais no cuidado de seus filhos, e pelos filhos no cuidado de seus pais idosos. O resultado é uma população que envelhece, muitas vezes, longe de seus filhos. Nesse contexto, quem estará disposto a produzir a variedade de bens e serviços que os idosos europeus esperam desfrutar em sua tão esperada aposentadoria? Nenhum truque financeiro no mundo eliminará o problema de pedir a cada vez menos trabalhadores que produzam bens e serviços para cada vez mais aposentados – com quem provavelmente esses trabalhadores têm pouca ou nenhuma conexão pessoal ou vínculo afetivo.

1 International Monetary Fund. "A history of world debt: how public debt has changed since 1880". *Finance & Development*. Março de 2011. Disponível em: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2011/03/pdf/picture>.

E os Estados Unidos parecem seguir nessa mesma direção. Nossa taxa de natalidade está levemente acima do nível de substituição, com um número cada vez maior de jovens preferindo relaxar ou desfrutar os benefícios de nossa prosperidade, em lugar de criar uma nova geração para levá-la adiante.

Ao mesmo tempo, a preferência pelo hedonismo em vez da excelência por meio do trabalho duro faz com que muitos jovens norte-americanos de classe média sejam superados por concorrentes mais capacitados em um mercado de trabalho cada vez mais globalizado.

Considere também o colapso da confiança, integridade e liberdade responsável que contribuiu fortemente para a persistente crise financeira que eclodiu em 2008.

Todas essas tendências têm algo em comum: a incapacidade egoísta de ver além de nosso próprio umbigo. Essa atitude está perfeitamente resumida nas palavras do economista John Maynard Keynes, cujas teorias equivocadas colaboraram diretamente para o fracasso de muitas nações. Ele disse: “No longo prazo, todos estaremos mortos”. Esta frase capta perfeitamente a essência de sua teoria econômica, a qual assombra os Estados Unidos e o mundo.

Muitos perderam as esperanças. Até esperamos nos divertir hoje ou no próximo final de semana. Mas uma esperança inspirada em uma imaginação mais rica – na qual projetamos e nos comprometemos com um futuro caracterizado pelo florescimento humano para nós e para as futuras gerações, para nossas comunidades e para a nação – vem sendo corroída nos últimos 50 anos, e substituída por uma visão de nós mesmos desprovida de destino e vocação, sem propósito digno.

O problema não é apenas matemático, podendo ser resolvido com ajustes pontuais no orçamento. O que ameaça pôr fim à nossa liberdade é que esquecemos o seu objetivo; ou melhor, seu foco ou propósito.

Estamos rodeados pela confusão. Liberdade se confunde com permissividade, compadrio com capitalismo, escolarização com educação, previdência social com solidariedade intergeracional genuína, e responsabilidade social efetiva com redistribuição forçada de riqueza – sem

falar da devastação cultural que isso gera sobre os beneficiários dessa forma *orwelliana* de “bem-estar”. Passamos a acreditar que o burocrata governamental é um bom samaritano.

Muitos confundem economia de mercado com consumismo, e consideram que uma mentalidade de comprador compulsivo é o resultado e o objetivo da liberdade econômica. Mas o consumismo é a ideia confusa de que para *ser* mais, é preciso *ter* mais. Em vez da formulação cartesiana “*cogito ergo sum*” (penso, logo existo), alguns acreditam que fazer compras é prova da existência: “*consumo ergo sum*” (consumo, logo existo). O consumismo é prejudicial não porque as coisas materiais sejam prejudiciais: é prejudicial porque venera o que está abaixo de nós.

Longe de ser sinônimo de capitalismo, o consumismo é seu maior inimigo, já que impossibilita a formação de capital no longo prazo. Uma cultura consumista não é uma cultura de poupança, de parcimônia. Sua obsessão é comprar o próximo brinquedo, e não postergar gratificação, poupar ou investir no futuro. O ponto é elementar: não existe capitalismo sustentável sem capital; não existe capital sem poupança; e não existe poupança quando se torra tudo o que se ganha. No entanto, essa confusão está tão disseminada que hoje muitas pessoas nem se importam. De fato, as políticas de juros baixos do Banco Central dos Estados Unidos parecem reforçar esse hábito, negando às pessoas a recompensa material – sob a forma de juros sobre sua poupança – por renunciar ao consumo.

Pode ser mera coincidência que o declínio que vivenciamos coincida com o desaparecimento gradativo da cosmovisão judaico-cristã da esfera pública? Sofremos uma crise de confiança a ponto de ninguém poder julgar ideias, pessoas ou culturas sem ser rotulado de absolutista ou propagador do ódio. A ideia parece ser que todas as visões de mundo podem viver em harmonia no domínio supostamente neutro do relativismo secular. Os maiores partidários da tolerância se tornaram os mais intolerantes, e parecem alheios à contradição. Enquanto isso, muitos de nós parecem ter esquecido que os relativistas seculares têm sua própria visão de mundo. Atribuímos a eles, que são nossos verdadeiros “concor-

rentes”, a posição de juízes do concurso cultural de ideias, e ainda nos perguntamos por que nosso país parece ter perdido a lógica moral que o sustentava.

Quando a cosmovisão judaico-cristã é substituída por um materialismo filosófico vago e parcialmente reconhecido, tudo que importa é o que podemos consumir hoje. O que se perde é um sentido da história como algo significativo e linear, como algo que transcorre para uma grande consumação. Quando uma pessoa, um povo, ou as instituições que servem para organizar e governar um país perdem isso, a perda é severa e reverberante.

Quando a liberdade se divorcia da fé, ambas sofrem. A liberdade fica à deriva, pois só a verdade pode servir-lhe de guia. O político mais hábil, dotado do programa mais chamativo, consegue controlar as pessoas. A liberdade sem orientação moral carece de uma estrela guia. Por outro lado, quando um povo entrega sua liberdade ao governo – a liberdade de fazer escolhas morais, econômicas, religiosas e sociais, responsabilizando-se pelas consequências – a virtude tende a diluir-se, e a própria fé a esfriar. A teocracia é a destruição da liberdade humana em nome de Deus. A libertinagem é a destruição das normas morais em nome da liberdade. Nenhuma das duas funciona.

O vínculo entre liberdade econômica e moralidade pública não é tênue; é claro e direto. A liberdade econômica só existe onde a propriedade privada e o Estado de Direito são respeitados. Considere o caso da Rússia moderna: uma cultura de ricos e pobres com apenas uma pequena e sofrida classe média – devido à corrupção generalizada em suas pseudoinstituições de mercado. Enquanto alguns amigos dos figurões do Kremlin enriquecem, a vasta maioria da população, incluindo muitos pobres que aspiram ser empresários, se vê diante de uma barreira intransponível de clientelismo.

Por outro lado, a história mostra que sociedades que respeitam a inviolabilidade da propriedade privada e outros direitos econômicos exibem culturas relativamente íntegras, além de um padrão de vida elevado não só para os ricos, mas também para a classe média e os pobres.

Um alerta: antes de falarmos de “direitos”, precisamos definir seu significado, pois muitos ataques contra a liberdade humana foram cometidos em nome de supostos “direitos”. A defesa moral da liberdade exige que façamos distinção entre direitos e privilégios, entre sociedade e governo, entre comunidade e coletivo. Direitos, sociedade e comunidade fazem parte da ordem natural de liberdade, enquanto privilégios, governo e coletivo – mesmo que tenham relação com ela – diferem essencialmente dos primeiros, já que se apoiam na coerção.

Um argumento moral a favor da liberdade econômica não deveria negar suas próprias implicações lógicas, mesmo que sejam politicamente impopulares. O imperativo contra o roubo e a favor da segurança da propriedade privada também implica cautela com tributação acima do mínimo necessário para financiar o Estado de Direito e o bem comum. A liberdade de contrato deve incluir a liberdade de não contratar.

Dizem que ninguém sonha com o capitalismo – uma palavra realmente restrita e problemática. Isso deve mudar. Entendido corretamente, ele é o componente econômico da ordem natural de liberdade: garante o comércio, regras justas e iguais para todos, adesão estrita às normas de propriedade, oportunidades para caridade e o uso adequado de recursos. Em todo lugar onde foi verdadeiramente implementado, fomentou criatividade, crescimento, abundância e, principalmente, a aplicação econômica do princípio segundo o qual todo ser humano tem dignidade, e que ela deve ser respeitada.

E, por favor, não me digam que o livre mercado é um mito, simplesmente porque nunca existiu em forma pura. Expliquem isso ao meu avô! Ele chegou aos EUA com 35 dólares no bolso, e quase todos os seus 13 filhos chegaram à classe média. O capitalismo, bem entendido e praticado, permitiu que milhões saíssem da pobreza extrema e fizessem uso de habilidades e talentos que nunca teriam descoberto, forjando oportunidades que seus avós nunca poderiam imaginar. Uma economia livre é um sonho digno de nossas imaginações espirituais.

A boa notícia é que a decadência não é inevitável. Renovar é possível. Uma visão fatalista não é apenas insatisfatória, mas também ir-

real. Enfrentamos uma crise profunda, porém seu resultado não está, de modo algum, determinado. Minha mensagem não é a do evangelista de esquina com seu cartaz: “O fim está próximo”. Minha mensagem nas páginas que se seguem é que o fim da liberdade e do florescimento humano nos Estados Unidos está próximo, *a menos que...* É nessa frase “a menos que” que reside a esperança – esperança suficiente, creio, para nos inspirar e conduzir a um novo renascimento, uma renovação do fundamento moral da economia livre.

Em 1990, Kris Mauren e eu criamos uma instituição dedicada a defender e promover a sociedade livre e virtuosa, porque acreditávamos nesse “a menos que”. O Acton Institute for the Study of Religion and Liberty se dedica a recuperar certas verdades perenes sobre a liberdade política, econômica e religiosa. Elas incluem algumas percepções novas e estimulantes, mas também noções do senso comum, como não matar a galinha dos ovos de ouro; não prender o talento criativo em uma teia regulatória; e não ensinar a nossos cidadãos que todos podem viver à custa do outro.

Tenho falado dessas coisas por tempo suficiente para saber que algumas pessoas estarão encantadas em “ouvir isso, por fim, de um pregador”, enquanto outras ficarão chocadas ao ouvir isso da boca de um sacerdote católico que andava com Jane Fonda, Tom Hayden e um bando de ativistas da Nova Esquerda no início da década de 1970. Mas não deveriam se surpreender. Amadureci. E quando voltei à minha fé e ingressei no seminário, também recuperei uma compreensão profunda do verdadeiro fim – o verdadeiro propósito – da liberdade humana. Ao recuperá-lo, também redescobri a fonte da liberdade humana, e pude ver o caminho a seguir.

Mas estou me antecipando. Minha história começa na vizinhança, um par de pequenos apartamentos sobre a loja de trens Lionel na avenida Coney Island no Brooklyn, Nova York, onde um garoto italiano de cinco anos estava a ponto de conhecer uma senhora judia – uma refugiada, eles a chamavam – um encontro que mudaria o curso de sua vida, despertando nele um desejo insaciável de entender e promover a dignidade humana.

“Refrescante, inspirador e encorajador, o Padre Sirico entende como os seres humanos podem triunfar econômica e espiritualmente na vida e oferece respostas claras aos argumentos contra a capacidade das pessoas de controlar os próprios destinos. *Em defesa do livre mercado* é uma leitura obrigatória para a atual – e para a próxima – geração de líderes”.

— JUAN JOSE DABOUB

Ex-diretor-gerente do Banco Mundial

“O autor de *Em defesa do livre mercado*, sagaz economista e teólogo inspirador, reflete sobre a moralidade do empreendedorismo, nos liderando em uma jornada em direção a uma sociedade livre e virtuosa, animada pela criatividade humana à imagem do Criador”.

— GEORGE GILDER

Autor de *Wealth and Poverty*

“Como explica o Padre Sirico, nenhum outro sistema na história tirou mais pessoas da extrema pobreza do que o capitalismo, mas, sem uma bússola moral, leva a um sistema e a uma sociedade ‘perdidos na selva’. *Em defesa do livre mercado* nos faz lembrar da responsabilidade moral da liberdade e, ao mesmo tempo, oferece a perspectiva de ver além de nossos propósitos e desejos imediatos, para um futuro que imaginamos para nossos filhos e nossa nação”.

— DAVE VAN ANDEL

Presidente e CEO do Van Andel Institute

“O Acton Institute do Padre Sirico ajudou a mudar a maneira como muitas pessoas ao redor do mundo concebem a liberdade. Este é um livro que prende a atenção do leitor do início ao fim. Sua explicação para termos-chave é particularmente clara. A frase central de seu texto é ‘A MENOS QUE...’”.

— MICHAEL NOVAK

Ex-embaixador dos EUA na Comissão de Direitos Humanos da ONU



ISBN 978-65-5545-095-8



9 786555 450958